



## OS IMORAIS(?): CORPOS NUS E ENRUGADOS NA *G MAGAZINE*

Fábio Ronaldo da Silva <sup>1</sup>  
Alexandre Cesar Oliveira Torres <sup>2</sup>

### RESUMO

Pensar os gays velhos é algo que quase sempre existe um silenciamento. Mesmo assim, em alguns momentos esse silêncio é rompido quando aparecem, de forma sucinta matérias sobre velhice e velhos sendo entrevistados em publicações voltadas para o público gay. A partir desta premissa, este trabalho, fragmento da tese “As porosidades do tempo: velhos e velhices nas revistas homoeróticas brasileiras (1978-2013) defendida no PPGH/UFPE, apresenta uma análise de duas edições da *G Magazine* que trouxeram desnudos dois corpos velhos. A primeira, publicada em 1999 com o ensaio do ator David Cardoso (63 anos), e a segunda, em 2005, com o contador Charles Bearden, (63 anos). Foi observado como esses corpos foram apresentados e a recepção que os leitores da revista tiveram ao ver corpos dissonantes dos que comumente eram exibidos mensalmente pela referida publicação.

**Palavras-chave:** Velhice, Corpo, Homossexualidades, *G Magazine*.

### INTRODUÇÃO

Mesmo possuindo um menu variado com notícias, entrevistas, artigos, o prato principal da *G Magazine*<sup>3</sup> eram os ensaios eróticos, que na maioria das vezes oferecia um cardápio de personalidades famosas ou em ascensão que apareciam peladas, mostrando um corpo peludo ou depilado, quase sempre, modelado, esculpido em centenas de horas nas academias.

Esse modelo de corpo trazido nos ensaios da revista está dentro dos padrões físicos produzidos nas subjetividades do mundo capitalista contemporâneo. Guatarri e Rolnik (2013) afirmam que de produção das subjetividades tem uma natureza industrial. Essa maquinaria não só incide sobre os corpos individuais e sociais, mas também nos desejos, com o objetivo de padronizar tudo, produzindo subjetividades modelizadas e serializadas. São padrões de subjetividades hegemônicas já que são regidas pela padronização.

Ao mesmo tempo em que desnuda modelos que se apresentam viris e com corpos definidos, a *G Magazine* contribuiu para influenciar no que tange ao desejo do corpo desejado

<sup>1</sup> Doutor pelo curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [fabiocg@gmail.com](mailto:fabiocg@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando 5º período em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [alexandccs@gmail.com](mailto:alexandccs@gmail.com)

<sup>3</sup> A revista esteve em circulação de 1997 a 2013.



e o desejoso, pois, como afirma Oliveira (2004), a mídia, assim como a publicidade, exploram características tidas como típicas da masculinidade, reafirmando as prescrições comportamentais contribuindo para reproduzir e representar a masculinidade junto aos processos de subjetivação do sujeito, neste caso, dos consumidores da revista. Assim, ao mesmo tempo em que se quer “possuir” aquele corpo exibido nos ensaios trazidos pela revista, há também o desejo de se construir, moldar o próprio corpo para que seja semelhante ao corpo exibido.

Ao corpo malhado se atribui força, virilidade, hombridade, potencialidade e saúde. Tais sinônimos, todavia, não são atribuídos aos homens que possuem o corpo gordo ou flácido, pelo contrário, a imagem sempre atribuída a eles é a de pessoa sedentária, que toma espaço e, quando muito, pessoa forte, não por ter força, mas por ser pesado. Ou seja, o peso e a flacidez do corpo tornam-se uma forma de medir a saúde. Na contemporaneidade, gordura não é mais formosura. Saudável é aquele que possui corpo malhado, sem rugas, marcas do tempo ou excesso de peso.

Pode-se dizer que, sob a moral da “boa forma”, um corpo trabalhado, bem cuidado, sem marcas indesejáveis, isto é, rugas, estrias, celulites, manchas e sem gorduras e flacidez, é o único que, mesmo sem roupas, estará decentemente vestido.

Como já mencionado anteriormente, quase todos os que posaram para a revista apresentavam jovialidade, mas, existem sempre exceções, e será possível encontrar três edições que, possivelmente, causaram um estranhamento nos leitores da *G* tão acostumados com a jovialidade dos que se desnudavam para a revista. A primeira exceção foi na edição 19, publicada em abril de 1999 que trazia na capa o ator David Cardoso como ensaio principal daquela edição<sup>4</sup>. A segunda surpresa foi na edição 46, que trouxe na capa Luís Adriano Barra, campeão paulista na categoria caratê de contato, existia entre as notícias anunciadas na capa, a seguinte manchete: “Especial – fotografamos um urso americano” se referindo a Charles Bearden (Chucky), 63 anos, e que aparece em um dos ensaios daquela edição. A terceira e última exceção foi na edição 91, publicada em abril de 2005 que trazia na capa o modelo Júlio Capeletti ao lado do estilista e ex-apresentador de TV, Clodovil Hernandez, que não apareceu nu, foi apenas entrevistado. Nos deteremos aqui, apenas na análise dos ensaios dos dois *tiozinhos* pois, dentro dos padrões de subjetividades contemporâneos, eles já se encontram “obsoletos” para o modelo de beleza serializada trazido pela revista, são “imorais”, como sugere um leitor da *G*.

---

<sup>4</sup> Algumas fotos deste ensaio foram republicadas em abril de 2001 (edição 31) na seção *Replay*.

## METODOLOGIA

O trabalho apresenta um estudo de caso com uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo em que foi utilizada como metodologia o conceito de arqueologia foucaultiana que nos apresenta um método voltado para as práticas discursivas e não-discursivas, e que nos ajudou a perceber os modos de se pensar e dizer o envelhecer, no recorte temporal aqui apresentado, buscando evidenciar sua regularidade em série de descontinuidade na história, permitindo com que algo apareça como verdade.

## DESENVOLVIMENTO

A construção da velhice como etapa da vida marcada pela decadência física e pela perda de lugares sociais é forjada no final do século XIX com a proposta de ordenar, classificar e separar as populações, como nos mostra Foucault (1995). O processo de periodização da vida implica em um investimento simbólico em um processo biológico universal.

As classificações do mundo social nos remetem à perspectiva antropológica, isto é, aos estigmas físicos e às propriedades biológicas – gênero e idade – servem de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social e, quase sempre, a elaboração desses critérios está associada à emergência de instituições e de agentes especializados que, com seus saberes, encontram nessas definições o fundamento de suas atividades. Essas classificações não são de origem “natural”, mas elaboradas por um trabalho social de produção de populações em que operam diferentes instituições, segundo critérios juridicamente constituídos, sendo os sistemas escolares, médicos e os de proteção social os meios comuns e os mais estudados. Todo esse processo será nominado por Foucault (1999) como o surgimento da biopolítica que tem como lógica principal a promoção da vida das pessoas. Dessa forma, busca-se garantir a eficiência do capitalismo criando várias disciplinas para o adestramento dos corpos dos indivíduos e multiplicando os mecanismos de incitação para uma vida sempre produtiva.

Para Foucault (ibid), a biopolítica terá uma grande importância para o capitalismo pois, se de um lado possibilita uma organização de diversos tipos de investigações que puderam fazer perceber que a dinâmica social poderia ser compreendida mediante as práticas do saber/poder que sobreviviam pelo corpo por outro, a biopolítica vai possibilitar a construção da politização do pensamento, sendo um investimento sobre o corpo e a vida a dinâmica do capitalismo.

Assim, a noção de idade que será expressa em números e anos é, também, uma prática

social determinada que põe em conflito as diferentes gerações. A construção das classes etárias está relacionada com o “curso de vida moderno”. A ideia de “curso de vida” se refere à forma como a sociedade vai dar significados sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, admitindo a constituição social de personalidades e trajetórias de vida, tendo como base uma sequência de transições demarcadas socialmente e diferenciadas pela idade.

O predicado “idade cronológica” no decorrer da história vai ganhando a mesma, e às vezes, mais importância que outros atributos, até então, considerados tradicionais, a exemplo de parentesco, posição social ou lugar de origem. Podemos localizar a institucionalização da idade ao longo do curso de vida através dos rituais: idade de iniciar a vida escolar, ingressar no serviço militar, começar a trabalhar, casar, sendo a aposentadoria o final dessa jornada. A institucionalização do curso de vida nos acompanhará do nascimento até à morte, envolvendo desde o mundo familiar até a organização das políticas públicas (DEBERT, 1998), sendo esta uma maneira de ordenação social da existência individual. Mesmo essas idades variando de sociedade para sociedade, de época para época, é a referência que serve como orientação para pautar a vida individual.

Ao discorrer sobre velhice e envelhecimento, não podemos apenas levar em consideração a idade cronológica – visto que velhice bem como a infância, são construções históricas e sociais. Torna-se importante atentarmos ainda para as questões sociais, econômicas, e históricas no intuito de compreender como essa categoria se diferencia<sup>5</sup> de outras e ganha contornos próprios em um dado momento histórico, tornando-se um “problema social” causado não pelo mau funcionamento da sociedade e nem pelo aumento do número de pessoas idosas, como nos faz sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” usado para justificar o interesse social pela questão, mas pela construção da velhice como objeto de um discurso científico – o gerontológico – que passou a gerenciar os assuntos relativos ao envelhecimento e à velhice. Podemos afirmar aqui que, o campo científico formado por médicos, psicólogos e cientistas sociais são responsáveis pelo uso das maquinarias discursivas que contribuíram na e para as representações que a sociedade possui sobre a velhice visto que eles se apoiam na Gerontologia<sup>6</sup>, como disciplina científica, para dizer a velhice. Agora, os cuidados de si e para

---

<sup>5</sup> Podemos citar aqui três práticas da diferenciação que vão distinguir a velhice das outras idades cronológicas: o saber médico (geriátrico e gerontológico), a institucionalização da aposentadoria e pensão como um direito social e o aparecimento dos asilos para velhos.

<sup>6</sup> Termo criado no início do século XX por Elie Metchnikoff que significa o estudo do homem velho. Alguns anos depois, em 1909, o médico americano Ignatz Leo Nascher introduzia o termo geriatria na comunidade médica através de um artigo publicado no *New York Medical Journal*. O título do artigo era Geriatrics (Geriatra) (LOPES, 2000).

si não eram mais suficientes àquelas pessoas que estavam se tornando velhos, era necessário agora, um poder legitimado para disciplinar os corpos daqueles velhos e ensinar aos jovens, como fazer para prolongar a juventude e não sofrer os “malefícios” trazidos pelo envelhecimento.

No Brasil, nas últimas décadas do século XX, as pessoas velhas tornam-se pertencentes à “terceira idade<sup>7</sup>”, “deixando” de ser idosos. A invenção da categoria “terceira idade” torna evidente o quanto é difícil para o indivíduo na modernidade ver-se como velho e os jovens se negam a perceber que envelhecer faz parte da vida. Não conseguindo evitar essa temida degeneração do corpo que desencadeia a doença e, conseqüentemente, a proximidade com a morte, faz-se necessário enfrentá-la contextualizando suas possibilidades no espaço social (BEAUVOIR, 1990; MOTA, 2014).

Mesmo existindo uma grande gama de saberes que pautavam a velhice diferenciando-a da juventude ou ligando-a à doença, aos poucos, outros foram sendo forjados, passando a ser falado também sobre os direitos dos idosos, das vivências socioculturais para o público mais velho. Isso nos faz perceber que o assunto passava a ser visto sob novas perspectivas no Brasil e que outras subjetividades sobre a velhice e os velhos foram construídas.

Fomos vendo assim, outras formas de falar sobre a velhice nas telenovelas, no cinema, nas revistas. Os corpos dos velhos não deveriam mais estar escondidos em casa ou nos asilos. Na virada do século XX para o século XXI surgiram programas no país que chamavam as pessoas idosas para praticar atividades físicas, agências de turismo passaram a oferecer pacotes de viagens para grupos de idosos, os supermercados apresentavam uma gama de produtos para pessoas mais velhas que se preocupam com a alimentação, as farmácias começaram a oferecer vários suplementos vitamínicos para revigorar a energia do corpo, além do Viagra, primeiro medicamento oral no âmbito da biomedicina que combate a disfunção erétil e que tem como público-alvo homens com mais de 40 anos de idade. Aos poucos, surgiu no Brasil um mercado voltado para tal grupo que deixava de ser considerado, pela maioria, como escória e um demérito para a sociedade. Com o discurso que trata o idoso não mais como velho, mas pertencente a “terceira idade”, a ideia de velhice ativa é mais enfatizada nos consultórios médicos, pela mídia e, lentamente, foi sendo absorvida pela sociedade.

---

<sup>7</sup> A invenção da terceira idade se deu na França na década de 1970. Foi neste país que os primeiros gerontólogos brasileiros se formaram sendo também nesta época que foram criadas as Universités du Troisième Age. A expressão “third age” foi incorporada no vocabulário anglo-saxão devido a criação, no verão de 1981, das Universities of the Third Age em Cambridge na Inglaterra sendo a expressão “terceira idade” um termo que vem sendo usado de forma recorrente entre os pesquisadores ingleses que estudam o tema velhice, Debert (2012).

Como nos lembra Debert (2012), os velhos foram apresentados na e pela mídia como indivíduos que, por conta da idade, encontraram uma nova carreira profissional ou começaram a realizar novas atividades, realizando sonhos construídos na juventude e que foram adiados devido as obrigações que a vida impõe. Então veremos homens e mulheres velhos sendo mostrados como pessoas independentes dos filhos e parentes, ativos e com capacidade de encontrar diferentes atividades novas e interessantes para essa nova etapa da vida. Os velhos passaram a ser sujeitos políticos. A velhice começa a ser, de acordo com os *media*, o estágio para realizações pessoais; era forjado um novo ator, e isso se dará através do uso de diferentes tipos de tecnologias que se apresentarão na forma de cosméticos, dietas alimentares, medicamentos, cirurgias plásticas e exercícios físicos, além da adoção de gostos e estilos de vida caracterizados como próprios de determinados grupos etários (MORAES, 2011).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensaio de David Cardoso, realizado no Pantanal, é composto por 17 fotos do ator que em algumas aparece seminudo e, em outras, nu. Há ainda duas outras imagens de dois trabalhos que ele participou. Paralelo ao ensaio, há uma entrevista em que Cardoso fala sobre algumas experiências sexuais que, “por acaso”, que acabou vivenciando com homens e das investidas amorosas feitas pelo ator Amâncio Mazzaropi. A entrevista foi feita por Marcos Brandão e João Andrade, com fotos de Moises Pazianotto.

Como já informado, a revista *G Magazine* se destacará das outras publicações voltadas para o público gay por mostrar artistas conhecidos pelados e com o falo ereto. Entretanto, no ensaio de Cardoso, apenas em duas fotos ele aparece com o pênis ereto. Mesmo mostrando a potência do falo, o ator aparece em posições que não representam movimento, isto é, aparece sentado e deitado em um chão de terra seca, corroído pela ausência de água, sendo ele a última espécie que ainda sobrevive. As marcas e ranhuras do tempo ainda não aparecem no corpo, mas estão simbolizadas no espaço não-fértil em que se encontra.

Em boa parte das outras fotos ele estará utilizando objetos que simbolizam o pênis, a exemplo de um revólver, um cacho de bananas e uma vara de pescar. A potência, a virilidade e o poder não estará na genitália do velho ator, mais nos instrumentos que ele carrega.

Mas por qual motivo um ensaio de uma pessoa mais velha em uma revista de nu masculino voltada para o público *gay*? Pois como afirma um entrevistado para Perlongher (1987, p. 106), “(...) o movimento *gay* não liberou esse preconceito de idade (...) estamos no

meio da cultura da juventude: importa a masculinidade, mas também importa a idade”. O caso de um famoso sessentão, idoso ou “tiozinho” posar para a *G Magazine* tornou-se um caso único, um “acontecimento” na história da referida revista.

Foi um mérito da publicação trazer em sua capa uma pessoa mais velha, mas é importante perceber que essa pessoa só foi capa da revista devido algumas questões, tais quais, seu nome estar ligado a pornochanchada brasileira e ainda para saciar o desejo daqueles que acompanharam esse movimento do cinema nacional e tiveram a oportunidade de ver Cardoso de uma forma que, até então, nenhuma outra revista havia mostrado, como relata o leitor da revista Fernando C. Oliveira, na sessão *Cartas* da edição 22 publicada em julho daquele mesmo ano.

Homens maduros – Vocês são o máximo. Sempre quis ver o David Cardoso pelado, mas na época da pornochanchada não existia nenhum tipo de veículo como a *G Magazine*. Gosto de ver homens maduros, com cara e corpo de homem. Obrigado por tornarem o meu sonho realidade (G MAGAZINE, 1999, p. 80).

Encontramos também nas edições 60 e 67, publicadas, em setembro de 2002 e abril de 2003, respectivamente, cartas de leitores elogiando a revista por ter desnudado um dos ícones masculinos da pornochanchada e sugerindo que outros pertencentes a “terceira idade” também aparecessem despidos na revista.

O que mostra que Cardoso está no imaginário de muitos brasileiros como ator bonito e que já fez filmes que tinham uma eroticidade. Todavia, o mais importante é que, mesmo velho, o ator busca manter a juventude e a “boa forma”, exibindo um corpo que aparenta ser magro, jovem, bonito e sem as marcas da velhice e esses serão outros pontos para que a revista queira desnudar e mostrar o corpo desse ator, pois estava dentro dos padrões “aceitáveis”.

Se percebemos o enfoque dado ao corpo, aí podemos perceber que há um enorme preconceito dos que faziam a *G*, mas isso possivelmente se deve pelo fato de que, como nos mostra Simões (2004, p. 2),

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude.

Cuidadosamente, os que produziam a *G Magazine* escolheram uma pessoa com mais de 60 anos para ser ensaio principal da capa por ainda apresentar a dureza de um corpo juvenil. A imagem dessas pessoas “sortudas”, que conseguem manter dóceis seus corpos que parecem ser conservados em formol, quase sempre, é “vampirizada pela indústria dos cosméticos, que as

capitaliza para vender esperanças a todos aqueles que, fracassaram no difícil mercado dos milagres antienvelhecimento” (SIBILIA, 2013, pp. 150-151).

Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar que o corpo envelhecendo é um dos principais desafios na contemporaneidade, para tanto basta percebermos a “obsessão” com as formas corporais e a apresentação juvenil que apareceram em todas as edições da *G* e que atravessa todo o complexo da moda, das academias de ginástica, dos anabolizantes, dos cosméticos, da cirurgia plástica e das demais tecnologias de manutenção corporal.

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice é comum na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento e também constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea, ao trazer corpos lisos, esculturais e “sem história”, isto é, jovens, a *G Magazine* reforçava ainda mais as subjetividades trazidas pela mídia, homoerótica ou não, de que os corpos bonitos e desejados são jovens, lisos e não enrugados.

Cardoso, apesar da idade, apareceu nu na revista por toda história que fora construída por ele anteriormente, possuindo ainda um corpo esculpido e “potente”, não fosse por isso, ele estaria aparecendo como entrevistado, sendo um “exemplo de pessoa vitoriosa”, experiente e com um saber-fazer secular (MINOIS, 1999), que serve como exemplo para os mais jovens. Poderia aparecer também, em alguma outra matéria “ensinando” como evitar a velhice (que se tornará visível pelas marcas no rosto ou pelos cabelos brancos) mantendo sempre um corpo “forte”, “rígido” e “potente”.

Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homo, para os gays idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar. No próprio grupo que já é estigmatizado por grande parte da sociedade heterossexual, existem outros grupos que sofrem preconceitos por não serem viris, por serem gordos, negros, velhos, etc.

O segundo e último ensaio que analisaremos, foi publicado na edição 46, como anteriormente mencionado e que chegava às bancas, em julho de 2001, trazendo na seção *Tributo à diversidade*, a matéria “Um urso americano no Brasil” que apresenta o ensaio erótico de Charles Bearden, também conhecido como Chucky.

Residente no estado da Louisiana (EUA), e contador aposentado, passou a visitar o Brasil um ano após a morte da sua esposa. Foi no “país tropical” aproveitando o carnaval no Rio de Janeiro que Chuck decidiu fazer uma revolução em sua vida e assumir para si mesmo o desejo que sentia por outros homens. Desejo antigo, diga-se de passagem, e que foi reprimido por

dezenas de anos. “Nos meus tempos de escola aconteceram coisas, remotas, discretas. E a época não era como agora, não era possível assumir, era algo perigoso, precisava tomar cuidado” (G MAGAZINE, 2001, p. 83).

O contador, chamado de “urso<sup>8</sup>” já no título da manchete pertence a uma categoria de “tipo homossexual” dentro de uma segmentação<sup>9</sup> maior. Ou seja, possui um corpo fora dos padrões dominantes e desejados por muitos homens, é gordo. Entre os gays, a palavra urso serve como uma metáfora para indicar um homem gay pesado ou corpulento, geralmente barbudo e peludo e que exala virilidade.

Fischler (1999), em uma classificação feita sobre os obesos afirma que há uma ambiguidade sobre o caráter que a gordura assume no imaginário social do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo em que as pessoas gordas serão associadas à simpatia e à amabilidade, cabendo-lhes agir como um palhaço, também inspira nos outros o desejo pela lipofobia, a obsessão pela magreza. O corpo *plus size* é criado, mas não tolerado pela própria sociedade que o criou, sendo forjada assim, uma série de técnicas para emagrecimento que darão origem à cultura *fitness*.

Vigarello (2012) nos mostra que desde o final do século XVIII a figura do gordo foi se tornando alvo de reprovação moral e objeto de estudos médicos. Mas foi no século XIX que a obesidade passou a ser um problema estético e algo recusado socialmente. Ao longo da história, apresentar um corpo gordo era sinal de fartura, prosperidade e até mesmo de saúde, enquanto que o corpo magro era indicação de miséria. Mas as subjetividades mudam e os papéis se invertem.

O corpo gordo, como salienta Sant’Anna (2001), a partir da segunda década do século XX, tornou-se algo que as pessoas começaram a ter aversão. E década após década, ter um corpo rechonchudo, além de ser algo feio, passou também a indicar sedentarismo e doença. Muitos, para voltar a ter o corpo esguio e firme, acabam fazendo um esforço bem mais pesado do que o próprio peso, praticando atividades físicas e aderindo a rígidas dietas para melhorar a “qualidade de vida”. Na contemporaneidade, ser gordo também é sinônimo de feiura e uma indicação de que não há tempo para cuidar de si mesmo. O sujeito é incapaz de empenhar-se

---

<sup>8</sup> Tradução literal da palavra da língua inglesa bear.

<sup>9</sup> Não serão apenas os médicos e os cientistas das humanidades que vão nomear aqueles que estão a margem. Estes também farão isso, demarcando a diferença entre aqueles que não se encaixam nos padrões hegemônicos dentro do próprio grupo. Então, além do urso (que se dividem em várias categorias, dependendo do porte físico e etnicidade), existirão outros, como o “barbie” (referência direta a boneca Barbie e, entre os gays, indica aqueles que possuem um corpo malhado), o “cafuçu” (gays com perfil mais “rústico”, geralmente trabalhador braçal, com baixa escolaridade e com forte apetite sexual), o “fofolete” (gays muito obesos, apresentando uma gordura flácida, geralmente são mais efeminados) dentre outros.

no projeto social para ter uma boa aparência. Aos poucos, o excesso de gordura vai sendo associado à preguiça, à falta de vontade. Mas, o “urso americano” não tem nenhuma vontade de “puxar ferro” para se tornar uma Barbie.

Sei que meu corpo, minha figura e mesmo a minha idade não correspondem ao que o mundo gay mais valoriza, ou seja, a juventude bonita. Mas há quem goste. E muito mais do que eu penso, do que você pensa. Por isso, eu me gosto e estou em paz comigo (G MAGAZINE, 2001, p. 84).

Assim, aceitando-se com o corpo que possui, Chucky faz o ensaio para a *G Magazine* distribuído em onze imagens. Na primeira, ele aparece totalmente vestido com calça e camiseta preta. Por cima da camiseta, uma blusa de botão xadrez de cor vermelha e calçando botas marrons, lembrando a imagem de um lenhador. Nas imagens seguintes ele vai tirando a roupa e caminhando para a floresta, habitat natural de várias espécies de ursos. Mostrando um corpo liso e volumoso, o “urso americano” passeia pela floresta realizando ações que representam a força de um corpo potente que uma pessoa velha pode ter. Ele aparece segurando um grande pote de barro como se estivesse procurando algo para beber, segurando madeira (um símbolo fálico) para acender uma fogueira e, após todas essas atividades, aparece se refrescando em uma piscina. Das sete imagens em que aparece totalmente despido, apenas em duas o falo está ereto. Mas, ao contrário do que ocorreu com Cardoso, nas imagens em que apresenta a potência do pênis, Chucky se encontra em um local totalmente verde, com plantas e flores que demonstram que existe vida e fertilidade naquele solo. Dono de um corpo *plus size* e abjeto para muitos, a ideia que fica ao ver o ensaio é que, mesmo estando às margens e às fronteiras, o corpo dele se distribui no mundo com certa suavidade.

Alguns leitores gostaram das fotos do ator da pornochanchada e do “urso americano”, e enviaram cartas parabenizando a revista por ter publicado um ensaio com um homem “velho e gordo” pedindo para que outros como estes fossem mostrados. Como não é possível agradar gregos e troianos ao mesmo tempo, outros consumidores da *G* ficaram bastante incomodados, como podemos ver no e-mail assinado por Carlos e Wandinho.

Os leitores, assim como os apreciadores do nu masculino, esperam ver em uma revista como a *G* homens de corpo sarados, aquilo que se pode dizer do inatingível, como um artista que povoa nossas fantasias sexuais. Nós leitores da *G* em Belém manifestamos nossa indignação com o ensaio do urso americano. Coisas desse tipo nós vemos nas ruas, próximos das nossas casas. Todas as pessoas deverão ter um lugar ao sol, mas convenhamos, não mais nas páginas da *G* (G MAGAZINE, 2001, p. 9).

O e-mail dos rapazes contribui para mostrar o quanto a intolerância para com os gordos é forte na nossa sociedade. Não se tolera os corpos que escapam aos padrões da estética, pois é considerado feio, aversivo. É algo que se suporta no cotidiano, mas não em uma revista que desnuda homens que fazem parte do desejo de muitos outros e outras.

## .CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *G Magazine* foi uma publicação que, ao longo de sua existência, não apenas através do texto imagético, mas também do texto escrito, reforçava a necessidade dos “cuidados de si”, consumindo produtos para retardar ou camuflar a velhice no corpo, indicando a prática de exercícios físicos para manter o corpo rígido. A maquinaria produtora das subjetividades que, um corpo magro, bonito e “perfeito” pode ser adquirido a partir do esforço pessoal, também motiva sujeitos gordos, que possuem um corpo indesejável dentro dos padrões estéticos contemporâneos, a fazerem dietas, consumirem produtos *light* e *diet* e fazerem exercícios para alcançar o corpo dito “perfeito”. A estes não cabem apenas o prazer, a dor, seja através de plásticas corretivas ou fazendo exercícios para queimar as calorias, também é necessária para obtenção de uma imagem aceitável e comestível, literalmente.

O corpo se torna uma mercadoria que deve ser apresentada em boas condições, isto é, em boa forma, bem delineada e com uma aparência perfeita para que possa ser consumida. Isso significa o controle do sujeito do seu próprio corpo e a vitória contra a força da natureza. O sedentarismo, a gordura e a flacidez demonstram a indisciplina e a ausência de cuidados para consigo mesmo. Os que fracassarem, serão vigiados e punidos.

Em uma revista em que os ensaios, fosse estes de capa ou secundários, os modelos que apareceram eram a corporificação da saúde, magreza, jovialidade e virilidade. O nu do ator David Cardoso e Charles Bearden contribuíram para lembrar aos leitores que existem outros padrões de corpos e de beleza e que não apenas os jovens são desejados. É também uma maneira de (re)lembrar que, por mais que se deseje, a boa forma e a jovialidade que podem se apresentar no corpo são efêmeras e não eternas.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DEBERT, Guita Grin. **Antropologia e Velhice**, Textos Didáticos, n.19, IFCH, 1998.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice:** Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

FISCHLER, C. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org.). **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do desejo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LOPES, Andrea. **Os desafios da gerontologia no Brasil.** Campinas, São Paulo, 2000.

MINOIS, George. **História da velhice no Ocidente.** 1º edição. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MOARES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Unesp, 2011.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...:** homossexualidade masculina e o curso de vida. Rio de Janeiro, Mobile, 2014.

PERLONGHER, Nestor. **O que é Aids.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos – A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In. COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilorde (orgs). **O triunfo do corpo** – Polêmicas contemporâneas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis. **Homossexualidade Masculina e curso de vida:** Pensando idades e identidades sexuais. In. Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamod, 2004.

VIGARELLO, Georges. **História do corpo:** as mutações do olhar, o século XX. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2012.